

Redacção e administração  
R. de S. Martinho  
Aveiro

# POVO DE AVEIRO

Officina de impressão  
R. de S. Martinho, AVEIRO  
EDITOR, João Pinto Evangelista

SEMENARIO REPUBLICANO

Numero 59

**Assignaturas**  
AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).  
PAGAMENTO ADIANTADO

**PUBLICA-SE AOS DOMINGOS**

**Publicações**  
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.  
Os ars. assignantes teem desconto de 30 por cento.  
NUMERO AVULSO, 30 REIS

1.º ANNO

## CONTINUANDO

**Os Eclipses—Os Cometas—Os Signaes Celestes—As mathematicas e a religião.**

Pegavamos na penna para demonstrar que a religião catholica apostolica romana, a religião do estado que nós offendemos, é a religião do despotismo; que essa religião, mais do que nenhuma outra, embora todas tenham a mesma tendencia, impoz systematicamente, pertinazmente, ferozmente a sujeição do homem ao homem; que essa religião predomina tanto mais quanto maior, mais accentuado, mais profundo, mais pesado é o jugo tyrannico a que as sociedades, em certos periodos historicos, estão sujeitas; que a influencia, que o clericalismo adquiriu no nosso paiz, ultimamente, coincidiu com a perda de todas as liberdades, a liberdade de reunião, a liberdade de imprensa, a liberdade de tribuna, como tem acontecido sempre no mundo, em todas as epochas e em todas as nações; que não só a liberdade, mas tambem a moralidade se afina pelo diapasão da influencia religiosa, e, assim, ao passo que em Portugal cresce de importancia, de poderio, de mando o elemento religioso, sob a protecção franca e aberta das altas regides do poder, se extinguem, não só os ultimos restos de liberdade, como os ultimos restos de pudor publico e particular, o que attestam todos esses escandalos politicos que estão dando eco no mundo, e a mais profunda desmoralisação das familias de que lia memoria entre nós desde o triumpho do constitucionalismo; estava eu pegando na penna para escrever tudo isso quando hoje, 10 do corrente mez de maio, pelas 7 horas da tarde, pouco mais ou menos, exclamações de pasmo e de terror, soltadas da rua, me chamaram a attenção, fazendo-me assomar á janella, d'onde vi um bôlide correndo no céo, deixando após o habitual traço luminoso, que a pouco e pouco se foi desfazendo, tomando fórmas esquisitas que o povo commentava n'uma bestialidade de quinze seculos de hereditarieidade religiosa.

Pobre besta humana. Sempre a mesma! Pobre victima de quinze seculos de estupidez clerical, mas estupidez imposta pela fogueira, pela forca, pelo pelourinho, pela tortura. Cerebro amassado pelas mãos ferozes dos que audaciosamente se denominaram e se denominam representantes de Deus na terra. Sempre a mesma! E como eu me vi de repente transportado a esses arraiaes do sertão, a essas cubatas do interior d'África, a essas sociedades de pretos, onde os feitiços e os

maputos dispõem tyrannicamente dos destinos e da vida dos habitantes das selvas. Como eu vi a mentira d'esta apregoada civilisação christã, como as minhas illusões, mantidas por esses cabellos loiros, olhos azues, rostos bem talhados com que topo na rua, por esse verniz de trato que me dá apparencias de civilisação, como essas illusões calharam, como todo o meu engano foi a terra, para só ficar subsistindo deante de mim a pretalhada que resiste impávida a quatro seculos de trabalhos scientificos incessantes, vendo sempre na manifestações planetarias os signaes cabalisticos das desgraças, demonios, tentações, ruinas prégadas pelos magicos de corda e roupeta.

Pretos! Tudo pretos! Vi-os, de repente, n'um instante, pretos por dentro e por fóra e calculei, n'um instante tambem, o que será o eclipse do sol, para esta pretalhada, n'aquelle, já posso dizer, angustioso e horrendo minuto e meio de 28 de maio! E lembrei-me, n'um instante tambem, dos terriveis esforços feitos pela religião do estado, que nos querelou, dos terriveis esforços feitos por ella para conservar a humanidade n'este estado de negrura intellectual em que a vejo! E pareceu-me opportuno narrar, succinta, mas methodicamente, esses esforços!

Trinta annos teve o infeliz Copernico a grande verdade metida na cabeça e 30 annos hesitou em a proclamar com medo da religião do estado que nos querelou. Publica por fim o seu famoso trabalho sobre as *Revoluções dos Corpos Celestes*. Mas é no leito da morte que recebe o seu livro e, abraçado a elle, expira, horas depois de o ter folheado. E só assim aquella presa escapou das garras horrendas da theologia!

O editor não se atreveu a apresentar a revolução de Copernico como uma verdade, mas só como uma hypothese. O terror de Copernico alcançou-o a elle tambem, não obstante o livro ser dedicado ao proprio Papa, innocente subtiliza destinada a abrandar as iras theologicas. Só em 1616 Galileu proclamou a doutrina de Copernico como uma verdade, o que lhe attrahiu immediatamente as coleras de Roma, que o prohibiu de ensinar ou discutir a theoria de Copernico, condemnando todos os livros que affirmassem o movimento da terra.

Roma encarniçou-se em perseguir Galileu. «Os partidarios do que se chamava a *sã sciencia* trataram as suas descobertas de decepções e as suas declarações de blasphemias; desnaturaram a Escriptura para o combater; theologos, inquisidores, congregações de cardeaes e pelo menos dois papas tomaram-n'o á sua conta e

reduziram para sempre ao silencio—pelo menos assim o julgaram—a sua doutrina impia.» (1)

Foi em 1610 que começou a guerra a Galileu. Galileu annunciou que o seu telescopio lhe tinha revelado as luas do planeta Jupiter. «Toda a artilheria dos textos biblicos, diz White, foi posta em bateria para demonstrar que essa theoria era tão absurda como impia. Os bispos e os padres puzeram os seus rebanhos em guarda e multidões de fieis supplicaram á Inquisição que os livrasse do heretico o mais depressa possivel. Debalde Galileu tentou provar a existencia dos satellites convidando os incredulos a irem vêr atravez dos seus telescopios; uns recusaram-se a isso, sob pretexto de que era impio pôr os olhos n'um canudo, outros, que foram vêr, denunciaram os satellites como illusões do demonio.»

Galileu, continuando a dirigir o telescopio para o céo, fez outra revelação: as montanhas e os valles da lua. Foi nova tormenta desencadeada contra o infeliz.

Galileu continuou e revelou as manchas do sol. «O padre Elci, presidente da Universidade de Pisa, prohibiu aos estudantes que falassem em taes manchas. O padre Busceus, da Universidade de Innsbruck, fez a mesma prohibição. Por toda a parte os chefes das universidades se esforçaram por occultar a descoberta. As universidades hespanholas mostraram-se particularmente intolerantes e em Salamanca, a mais importante de todas, foi prohibido com o maior rigor, até uma epocha muito recente, o ensino d'aquella descoberta.»

Depois de mil tricas, improperios, perseguições de toda a ordem, estratagemas vergonhosos, curiosissimos mas longos de enumerar, Galileu foi intimado, em 1615, a comparecer em Roma perante o tribunal da Inquisição. Uma commissão de theologos examinou a questão e deu, por unanimidade, a decisão seguinte: «A primeira proposição, de que o sol é o centro e não gyra em volta da terra, é ridicula, absurda, falsa em theologia e heretica, porque é expressamente contraria á Santa Escriptura; e a segunda proposição, de que a terra não é o centro mas gyra em volta do sol, é absurda, falsa em philosophia e está, sob o ponto de vista theologico, pelo menos, em opposição com a verdadeira fé.»

Galileu foi intimado «em nome de Sua Santidade o Papa e do Santo Officio a abandonar a opinião de que o sol é o centro do mundo e immovel e de que a

(1) White—«Histoire de la lutte entre la Science et la Théologie.»—ed. franc.

terra gyra e prohibido de a sustentar, ensinar e defender d'aqui em deante, de qualquer maneira que seja, verbalmente ou por escripto.»

Isto foi em 26 de fevereiro de 1616. Quinze dias mais tarde, a Congregação do Index publicava um decreto condemnando todos os escriptos que affirmavam a rotação da terra. «Era a condemnação em globo de Copernico, de Galileu, de Kepler. O Papa comprometteu mesino a sua infallibilidade, promulgando uma bulla especial, afim de dar mais forca á decisão do Index. A sciencia parecia ter perdido a batalha decisiva.»

Galileu, reduzido ao silencio, esperou. Sendo eleito papa o cardinal Barberini, que o tinha tratado com benevolencia, Galileu atreveu-se de novo a manifestar a sua opinião a favor do systema de Copernico. A perseguição atçou-se. Galileu ficou sem os seus ordenados de professor da universidade de Pisa. Comtudo, o grande sábio não desistiu. Pediu licença para imprimir um livro, submettendo-se a todas as condições que os tribunaes ecclesiasticos lhe quizessem impôr. Estes consentiram, comtanto que a theoria de Copernico fosse apresentada como obra de imaginação e phantasia. Galileu, que espertamente percebeu que a questão era expôr a verdade fosse como fosse, acceitou e deu á luz o seu celebre *Dialogo*, que teve um enorme successo.

O primeiro impeto de Roma foi prohibir a venda do livro. Mas era tarde, porque a 1.ª edição já estava espalhada em toda a Europa. Então Galileu recebeu ordem para se apresentar outra vez perante o tribunal da Inquisição. Pouparam-lhe a vida, não tanto em respeito á sua velhice como pelo receio da sua grande auctoridade scientifica. Condemnaram-no apenas a pronunciar publicamente e de joelhos a seguinte retratação:

«Eu, Galileu, de setenta annos de idade, prisioneiro e de joelhos deante de Vossas Eminencias, tendo deante dos olhos os Santos Evangelhos que toco com as minhas mãos, abjuro, amaldição e detesto o erro e a heresia do movimento da terra.»

Para acabarem de o deshonorar, obrigaram-no ainda a jurar que denunciaria á Inquisição todo o homem de sciencia que, com conhecimento seu, sustentasse a heresia do movimento da terra.

E'este é um dos mais celebres incidentes da lucta contra essa sciencia que no dia 28 terá em Portugal occasião de se mostrar ao povo tão ruidosamente.

Mas falta vêr o resto. Vel-o-hemos, que a occasião é opportuna.

## A pesca na ria de Aveiro

Pela capitania do porto de Aveiro, e em harmonia com as disposições legaes que regulam a industria da pesca nas bacias interiores, foi prohibido aos pescadores da nossa ria o uso de rédes de arrastar. Estas rédes, como se sabe, *rapando* quanto se lhes apresenta na frente, obstatam constantemente ao crescimento de muitas especies que procriam no vasto estuario do nosso porto, empobrecendo-o continuamente sem vantagem para a alimentação, porque quasi todo esse peacado vem, por fim, a ser empregado no adubo das terras.

Os pescadores, porém, é que se não conformam com esta medida, e protestam com allegações varias que não sabemos se lograrão mover as disposições em que se encontram os que superiormente interferem n'este melindroso assumpto, que por um lado se prende com a productibilidade da nossa importantissima zona aquicola, e por outro com as difficieis circumstancias economicas em que, pelo menos temporariamente, vae ficar a enorme população que na nossa região fluvial vive exclusivamente da pesca.

## Cartas d'Algures

9 DE MAIO.

Vamos entrando abertamente em pleno e feroz periodo de absolutismo. Estamos n'elle ha muito tempo. Mas agora foram-se os escrupulos, acabou-se o rebuço.

Do mal o menos. Antes assim.

A menor referencia aos ministros d'estado é logo reprimida com uma querela. As discussões religiosas são offensas á religião do estado. No rei e na rainha nem se fala. E' permitido dizer *el-rei*. Mais nada. El-rei levantou-se, el-rei deitou-se, el-rei passeiou, el-rei comeu, el-rei dormiu. Mais nada. El-rei é um grande artista. El-rei é um orador vibrante. El-rei tem pulso. El-rei é sábio. El rei atira maravilhosamente. Mais nada! Mais nada!

Sua Magestade a rainha é santa. Sua Magestade a rainha é anjo. Lê o sr. Eça um discurso, a proposito da celebração da descoberta do Brazil, e o discurso não é sobre Pedralvares mas sobre as excelsas virtudes da sr.ª D. Amelia. Mais nada! Mais nada!

Todos podem communicar os seus pensamentos por meio de palavras faladas e escriptas. In illo tempore. Foi quando o anniversario da outorga da carta ainda era festejado com musicas e foguetes. Hoje só a festejam com repiques de sinos. As musicas regimentaes já não tocam ás portas dos quartéis. A bandeira nacio-

nal já não é içada no mastro dos mesmos quartéis. Levantarem-se os músicos ao toque d'alvorada por causa da carta? Ora adeus! Cesar não ralha. Todos dançam conforme lhe tocam. Cesar não ralha. Por isso não ralha!

Temos carta sem regosijo nacional e sem regosijo official. Dantes empregava-se este termo sacramental: «Sendo amanhã dia de regosijo nacional pelo anniversario da outhorga da carta constitucional, determina-se, etc.»

Não era regosijo nacional. Mas mantinha-se, pelo menos, a apparencia do regosijo official. Agora nem nacional, nem official.

Parece que não é nada, isto, este desprezo e, comtudo, é symptomatico.

A verdade póde muito. O desprezo da carta impõe-se. Quer-se fugir a esse desprezo e não se póde. E' a força da consciencia. E' a força da verdade. A verdade póde muito!

As instituições não se discutem. Não se permite a minima referencia ás dictas. Tal foi a ordem dada aos promotores do comicio de Lisboa. O commissario tropa assim o disse em tom de quem trazia o rei na barriga.

Tom commum, hoje, a todos os commissarios, tropas e não tropas.

E' o tal caso do outro que é soldado da nação, soldado da patria, soldado disciplinado, que ha de defender a monarchia emquanto o paiz quizer monarchia e que ha de aceitar a republica quando o paiz proclamar a republica.

E' a voz dos patriotas. O Arriescado tambem aceita a republica quando o paiz a proclamar. Podéra não! O João Dias tambem. Até crearam direitos a ser commissarios com a mesma republica, pelo zelo com que defenderam a monarchia. Elles são soldados da patria. Elles são funcionarios fieis e leaes. Então o Martim de Freitas não é um nome immorreitoiro na historia?

Eu já ouvi um citar o Martim de Freitas. Palavra que já ouvi. Mas o Martim de Freitas não é Martim de Freitas pela obediencia. Ao contrario: é pela desobediencia. O Zé da Burra, olha que o Martim de Freitas passou á historia por jogar a pelle n'um acto de desobediencia. Ouviste, Zé da Burra? O Martim de Freitas não era soldado da patria, servindo ás ordens da monarchia emquanto o paiz quizesse monarchia, e aceitando a republica quando o paiz quizesse republica. O Martim de Freitas era soldado do direito, e mais nada, Zé da Burra. Defendia o

direito, ou o que elle julgava tal, e defendia-o arriscando posição, fortuna, vida e tudo. Fóra a larracha, Zé da Burra!

Mas bem. E' o tal caso do outro que aceita a republica quando o paiz quizer a republica, mas que vaé dando pau velho sempre que o paiz abre a bocca para dizer que quer a tal coisa que elle aceita quando o paiz a quizer.

Bem sei. Eu já conheci tantos d'elles a conspirar! Tantos d'elles me disséram e me escreveram que eram republicanos!

Meu senhor: quer vossa magestade um bom conselho da parte d'um inimigo? Olhe que é um conselho leal. Quer ouvir? Não se fie n'elles, meu senhor, porque lhe passam o pé assim que virem os ares a toldar-se. Vossa Magestade embirra com os que falam claro, assim como eu, por exemplo. Mas olhe que é um erro. Não digo que vossa magestade deva morrer d'amores por nós. Mas, se reflectir, vossa magestade ha de concordar que os maus e os perigosos são precisamente esses que estão sempre promptos a dar para baixo.

Se vossa magestade soubesse o que elles diziam e os planos que traçavam quando andavam a conspirar! Se soubesse!

Acautele-se vossa magestade. Hoje estão lá. A'manhã estão cá. Onde eu chegar está vossa magestade bem, porque eu empuro-os para lá outra vez, e a pau. Mas nem todos pensarão, nem todos farão o mesmo.

Que tratantes! O despotismo asphixia-nos, na verdade. Mas, a mim, o que mais me custa é vêr esses tratantes convertidos em executores feroces d'esse despotismo. Esses tratantes que eu vi a conspirar, esses tratantes de quem eu recebi declarações de entranhado odio ao throno, esses tratantes que me escreviam cartas confessando-se republicanos, esses tratantes que algumas vezes me imploraram silencio, quasi de mãos postas, quando a vergonha ainda valia d'alguma coisa n'este paiz, e que andam por ali agora, jornalistas de farda, deputados de farda, etc., a bajular o throno e, até, a incital-o contra a liberdade!

Não tem duvida, que eu, por mim, hei de me vingar d'elles, vingando a justiça, e com estrondosa satisfação. Só espero o momento opportuno, que ha de chegar.

O despotismo é feroz. O paiz nunca esteve n'este estado. Mas a reacção dos opprimidos é pal-

pavel. Quando reventará não sabemos.

Mas ha de reventar um dia. E' verdade que o Zé da Burra fica na mesma, porque tem o Gomes da Silva a protegelo.

A não ser que o Gomes da Silva rebente tambem.

A. B.

## MONTE-PIO

Diz-se que a Associação de Socorros Mutuos das Classes Laboriosas, d'esta cidade, vaé solicitar auctorisação superior para comprar casa propria para a sua installação e funcionamento.

A camara municipal de Vizeu offerecerá um jantar ao ar livre aos astrónomos que fôrem fazer as observações do eclipse do sol n'aquella cidade.

## A PROPOSITO

do

## PADRE

Estavamos tratando da perseguição atroz, da carnificina horrenda commettida com os albigenses, quando interrompemos estes artigos, muito uteis ao povo pelas lições historicas que encerram. Continuaremos hoje. E chamamos a attenção de todos para as atrocidades a que nos vamos referindo.

Como se tem visto, a religião do estado nunca foi a religião de paz, de caridade, de generosidade apregoada pelos hypocritas. Antes foi sempre uma religião de guerra, de perseguição, de intolerancia, de cobiça. Não são palavras nossas. As nossas palavras poderiam parecer suspeitas. Por isso vimos recorrendo desde o principio, e n'esse systema permaneceremos, á auctoridade de dezenas de sábios, de publicistas, de escriptores, de historiadores consagrados, muitos, como Herculano, reconhecidos pelos seus fundos sentimentos religiosos. Não são palavras nossas. E' a verdade historica, sem contestações.

Ora essa verdade horrorisa todos quantos d'ella forem tendo conhecimento. Quando se lêem os attentados commettidos pela religião, a alma confrange-se-nos, os cabellos erguem-se-nos de horror.

Estavamos transcrevendo Jules Bastide. Vamos terminar hoje essa transcripção.

«Filippe Augusto, occupado em combater com o imperador da Alemanha Othon e com o rei João de Inglaterra, não tinha tomado parte n'esta guerra. Talvez julgasse que não era chegado o momento opportuno e que a realza franceza encontraria mais tarde occasião de se estender para o Sul, se o furor religioso aqui destruísse os barões e as communas, ou se a população, exgotada e privada dos seus chefes, viesse a julgar-se feliz por alguém se lhe apresentar como pacificador. E é possível que os grandes vassallos advinhassem esta politica, que lhes era hostil, e que fosse isso que determinasse a sua retirada. Fosse como fosse, em 1210 todos

os cruzados tinham sabido do paiz albigense, á excepção do bando do aventureiro Simão de Montfort, o forte Sansão, o Judas Macchabeu das piedosas chronicas do tempo.

Não obstante, o perigo para o conde de Tolosa não tinha passado. Apenas se tinha affastado. Foi elle o primeiro a comprehender que Roma não chegaria ao fim senão quando tivesse destruido todos os governos do sul da França, para os substituir por outros constituídos por vassallos seus. Foi assim que ella procedeu no tempo de Alexandre II outorgando a Inglaterra a Guilherme o Bastardo e, pouco antes ainda, tomando sob sua protecção o fraticida João Sem Terra. O velho conde sabia que, á voz dos legados, novas tropas podiam vir de todos os lados juntar-se ao bando de Montfort. Tentou interessar na sua causa o imperador e o rei de França, mostrando-lhes que, como príncipe e como vassallo, a sua causa era a causa d'elles tambem. Mas elles ou não o comprehenderam ou o não quizeram comprehender porque a sua politica, differindo ás vezes nos interesses, era, comtudo, similhante á de Roma. Dirigiu-se ao rei de Aragão; mas as tropas d'este não eram demais para resistir aos arabes almohades, além de que estava negociando com Montfort. Raymundo, desesperando, tentou então abrandar a Santa Sé offerecendo-lhe conservar o seu paiz nas mesmas condições em que elle ficaria com os usurpadores, quaesquer que elles fossem, protegidos pela corte de Roma. Innocencio III, diz-se, ficou abalado; mas os seus conselheiros importavam-se muito menos com extinguir a heresia do que com arranjar bispos, feudos e governos. Raymundo, portanto, foi acolhido duramente e intimaram-lhe ordens tão deshonrosas que elle, que tanto se tinha humilhado para obter a paz, foi forçado a aconselhar-se apenas com o seu desespero e a preparar-se para a lucta.

Quando, voltado a Tolosa, o conde expoz que as condições que lhe impunham era entregar os hereticos e os judeus a Simão de Montfort, (1) forçar os seus vassallos a vestir-se de penitentes, degradar elle proprio os nobres e os senhores para que vivessem d'ahi para o futuro como villões, arrasar todos os seus castellos e exilar-se elle proprio para a Terra Santa até que a vontade de Roma o chamasse; quando acrescentou que, á sua recusa, tinha sido excommungado com todos os seus, todo o mundo então, nobres e burguezes, chegou ao auge da indignação e correu ás armas. Os senhores de Foix, de Béarn, de Comminges, que se sentiram ameaçados como os de Tolosa, juntaram-se a estes.

Os frades de Cîteaux não tinham cessado de prégar a cruzada contra os albigenses e mandavam incessantemente novos peregrinos ao conde Simão de Montfort, que tinha feito de Carcassonne a sua praça forte e o centro d'onde lançava as suas expedições sobre os paizes visinhos.

Entre outras façanhas, Simão investiu e tomou um castello que o frade de Vaux-Cernay chama Brom e fez cortar o nariz e tirar os

olhos a todos os soldados que cabiam prisioneiros e que eram em numero superior a cem. Só a um deixou um olho para que podesse guiar os seus camaradas. (1)

Vê-se que a religião, impropriamente chamada christã, desde que os seus ministros se tinham affastado por tal fórma dos preceitos de Christo, nada tinha feito para destruir a barbaaria e que os costumes da gente da guerra eram então os mesmos que no tempo em que Julio Cesar, quasi no mesmo sitio, cortava as mãos a todos os defensores d'uma cidade conquistada e os expulsava mutilados para que fossem ao longe espalhar o terror do seu nome.

No mesmo anno de 1210, Simão apoderou-se do castello de Viterbo. O abbadé de Cîteaux prometteu salvar a vida aos prisioneiros que consentissem em abjurar a heresia. Sabia, como elle proprio o confessava, que a obstinação dos albigenses tornaria pouco perigosa essa clemencia. Com effeito, cento e tantos manicheus se precipitaram na fogueira.

Em Lavaur enforcaram oitenta cavalleiros escolhidos e generosos, como lhes chamava o chronicista, isto é gente de cathogoria. A irmã d'um d'esses, Geralda, dama de Lavaur, foi lançada n'um poço, que se encheu de pedras, e em seguida queimados quatro centos villões, com extrema alegria dos peregrinos.

Em Caner tiveram a mesma sorte sessenta hereticos. O arcebispo de Paris, que foi testemunha d'essas scenas horriveis, voltou então á sua diocese, onde, no mesmo anno, ainda pôde assistir a um auto de fé de quatorze manicheus.

Como os leitores veem, as scenas são sempre as mesmas. Matança por todas as fórmas. Intolerancia feroz constantemente.

Foi hontem assim, é hoje, será sempre.

A intolerancia e o odio são os mesmos. Os processos tambem. Os castigos é que variam com os tempos e com as circumstancias. Ha um seculo para traz o Povo de Aveiro pagaria os seus servicos na fogueira, na força, ou em prisão perpetua. Agora paga-os com prisão temporaria, por enquanto. A'manhã, se fôr possível, já os paga com coisa peor.

E assim a mesma coisa sempre. Sempre!

(1) Santa religião de paz e caridade

Um economista allemão deduziu d'uma estatistica que publicou, que a Russia era, de todas as nações, aquella cuja população crescia mais rapidamente, duplicando-se dentro em quarenta e cinco annos.

Para chegar ao mesmo resultado, á Alemanha serão precisos sessenta e cinco annos; á Austria Hungria, setenta; á Inglaterra, oitenta; á Italia, cento e dez annos, e á França oitocentos annos.

Enquanto á população do imperio de Guilherme II augmentou, n'estes cinco ultimos annos, de tres milhões d'almas, a França só crescia de 175.000 habitantes, incluindo n'este numero os que foram devidos á emigração estrangeira.

(1) De fórma que o conde de Tolosa é que era alli o verdadeiro homem de tolerancia e de caridade, respeitando todas as creanças e poupando todos os crentes.

feridos successivamente pela voz da nação. Roberto possuia todas as qualidades que podem ser allegadas a favor de Ricardo: era um cavalleiro intrepido, um bom capitão, generoso com os seus amigos e com a egreja, e para coroar tudo isto, um cruzado e um conquistador do Santo Sepulchro; e apezar d'isso morreu cego e miseravel no castello de Cardiff, por se ter opposto á vontade do povo, que recusou reconhecê-lo por senhor.—Sim, disse elle, nós temos o direito de escolher na familia real o príncipe mais capaz de exercer o poder supremo, isto é, continuou, emendando-se, aquelle cuja eleição defenda melhor os interesses da nobreza. Quanto a qualidades pessoais, acrescentou elle, é possível que o príncipe João seja inferior a seu irmão Ricardo; mas, se se con-

siderar que este virá com o gladio da vingança na mão, emquanto que o primeiro offerece recompensas, immuniidades, privilegios, riquezas e honras, não póde haver duvida sobre qual é o rei que a nobreza prudente deve sustentar.

Estes argumentos e muitos outros ainda, alguns dos quaes se applicavam á situação particular dos seus interlocutores, produziram o effeito desejado sobre os partidarios do príncipe, que pela maior parte consentiram em comparecer na assemblea que se projectava reunir em York, a fim de se combinarem disposições geraes para pôr a corôa na cabeça do príncipe João.

Era alta noite quando, exaustado de fadiga por essas varias diligencias, mas satisfeito com o resultado, Fitzurse, voltaudo para o

(38)

FOLHETIM

## IVANHOÉ

ROMANCE POR WALTER SCOTT

## CAPITULO XV

Quanto ao regresso do rei Ricardo falava d'elle como de um facto, sem visos alguns de probabilidade; mas quando observou pelos olhares duvidosos e respostas ambiguas dos seus interlocutores que era essa apprehensão que mais lhes preocupava o espirito, affirmou affontamente que esse acontecimento, mesmo que elle se realisasse, não alteraria em coisa alguma os seus calculos politicos.

— Se Ricardo voltar, dizia Fitz-

urse, será para enriquecer os seus cruzados, necessitados e pobres, á custa dos que o não acompanharam á Terra Santa. Será para pedir tremendas contas áquelles que, durante a sua ausencia, commetteram o que se póde chamar infracções das leis do paiz ou attentados contra os privilegios da corôa. Será para pedir tremendas contas áquelles que, durante a sua ausencia, commetteram o que se póde chamar infracções das leis do paiz ou attentados contra os privilegios da corôa. Será para se vingar das ordens do Templo e do Hospital pela preferencia que déram a Philippe de França durante as guerras da Terra Santa. Será, enfim, para castigar todos os rebeldes que adheriram a seu irmão o príncipe João.

«Receaes o seu poder? continuava o astuto confidente d'este prin-

cipe. Não ha duvida que elle é um valente e valoroso cavalleiro; mas nós já não estamos no tempo do rei Arthur em que um só campeão fazia frente a um exercito. Se Ricardo voltar, virá só, sem comitiva, sem amigos. Os ossos dos seus animosos soldados branquejaram os areaes da Palestina; e os poucos dos seus companheiros que voltaram vieram vagueando até aqui, como esse Wilfredo de Ivanhoé, rotos e reduzidos a mendigar.

«Falaes do direito de primogenitura de Ricardo? proseguia elle respondendo aos que tinham escrupulos a este respeito. Esse direito de primogenitura é mais indubitavel que o de Roberto, duque de Normandia, filho primogenito do Conquistador? E no entanto Guilherme o Ruivo e Henrique, seus irmãos mais novos, foram-lhe pre-

## O 1.º DE MAIO

Dia de grandes afirmações, segundo alguns crentes.

Dia de grandes negações, segundo muitos desiludidos.

Revista de forças?

Seja... mas de forças inconscientes, materia prima de todo o progresso pratico, perfeitamente ductil á exploração das forças intellectuaes que a aproveitam á guisa de machinismo bruto.

E contudo é á massa trabalhadora que cabem os encargos da manutenção da vida social.

E' ella quem traduz praticamente todos os pensamentos da civilização e explica a incognita dos altos problemas da physico-chimica.

Sem o trabalho dos luctadores anonymos quem immortalisaria os nomes consagrados de Arago, Natt, Lesseps, Galileo, Edison, e todos os inventores?...

Se a intelligencia humana é o **Fia lux** da gloria, o braço do operario é—**Facta est** da conquista.

E eis porque nos doe a depreciação d'essa grandiosa força que se consenta em ser **musculo** quando podia ser entendimento.

Condoreet proclamou que a primeira condição da instrucção é ensinar simplesmente a verdade.

Mas qual Verdade?

Onde está Ella, se a vamos disvirginada em todos os altares, qualquer que seja a cor dos paramentos do seu culto?...

A verdade dos catholicos senta-se na cadeira pontifical, que vale noventa e tantos contos de réis.

A verdade dos calvinistas está nos versiculos biblicos.

Os jesuitas adoram-na sob a fórma do vélo de ouro.

Para os atheus a verdade é... a negação.

Os monarchicos collocam-lhe na frente o régio symbolo, e os republicanos põem-lhe o gorro phrygio sobre os annellados cabellos.

Cada qual lhe dá como attributos a Liberdade e a Egualdade.

Egualdade perante Deus, perante a Lei liberdade de padecer, de chorar, quando não vá bulir com os nervos dos privilegiados, que fabricam o medalhão social com duas faces plenamente adversas, mostrando de longe a mais brilhante, e arremettendo de perto com a mais sombria.

E a vossa verdade, ó legião de heroes sem nome?...

Está igualmente na Utopia!

O que é o Primeiro de Maio?

Que vindes afirmar n'esta data?

Que guardaes d'este dia para os doze mezes do anno que precede igual comemoração?

Ouvi: A'manhã, ao romper da aurora, quando a Luz traceja no horizonte aquellas róseas pinceladas que rastream o caminho do creador Osiris, ireis vós caminho das roças, acabrunhados na intima visão da existencia, dia a dia complicada pelo desequilibrio entre o salario e a carestia alimenticia.

Quantos de vós, ó luctadores Sisyphus, quantos de vós leveis ainda na face o brilho das lagrimas, arrancadas pelo desgosto da miseria, em face dos filhos enfesados, ignorantes, a quem não podeis dar o pão do corpo nem o pão da alma!

E, reflecti: A essa hora repouam os nossos senhores, laços de orgias e deboches, fartos de todas as alegrias compradas com o suor do vosso rosto!

Primeiro de Maio! Sabeis o que significaria, se o operariado houvesse ampla sciencia e consciencia das leis economico sociaes?

Se lhe assistisse o sentimento de justa revolta contra o Existente? Não, vós não o sabeis, e o mais triste—não quereis saber-o!

A commemoração d'este dia, votada em tres congressos estrangeiros, tinha em vista atemorizar o capital, sem emprego de forças nem da torpe fuzilaria da injuria. Seria—ouvi bem—seria a greve geral do mundo... a demonstração real da inefficacia do **direito do mais forte**, contra **mais forte em direito**.

A greve geral! Que esplendida reivindicação dos humildes! Caminhos de ferro, viação maritima, fabricas, arsenaes... tudo parado, silencioso, attonito, como ferido em pleno coração... e elle o operario, tranquillo, sorridente a apontar ao Deus Milhão aquella inercia que nem o ouro do mundo inteiro conseguiria movimentar! E então com que legitimo orgulho poderia exclaimar: Só eu serei Pygmalião d'essa Gallilêa.

Mas vós fides simplesmente recrear o Capital, dando-lhe um espectáculo congenere das procições religiosas, porque, educados nos principios do antropomorphismo não sabeis libertarvos de symbolos nem resgatarvos de preconceitos.

E' que os sentidos, assim educados, recebem a herança **atavica**, porque o trabalho cerebral ainda não actua nas grandes massas humanas.

Pois bem! Regimen novo, educação nova!

Em 1790 Lebrun dizia, na Assembleia Constituinte: Se quereis que a França tenha cidadãos, educae vossos filhos como cidadãos. Paraphrasemos:

Operarios! Se quereis honrar como deveis o pensamento do Primeiro de Maio, inspireis-vos nos grandiosos principios dos vossos Deveres e Direitos, e instrui vossos filhos no Evangelho Social.

Se tudo o que vos dão, como Verdade e mentira, dissolve o erro em mares de luz. Combatei intrépidamente os privilegios, e os crimes do Ouro. Ninguém é fraco quando se convenga de que é forte, e os homens só são pequenos quando ajoelhados.

De pé, ó Povo trabalhador! Tendes em vossas mãos a alavanca de Archymedes, não a deixeis cahir nos pélagos da Ignorancia!

Quereis um lábaro sublime?

Ahi o tendes... é tecido de fios de estrellas e escripto com sangue de rubins...

Ahi o tendes, nas mãos immaculadas do doce Nazareno—Amái-vos uns aos outros. Todos os homens são irmãos!

Eis a verdadeira Egualdade! Combatei os carrascos do Justo, os vendilhões do Templo, os Cains do Capital, os Escariotes da Officina.

Camaradas! o primeiro de Maio é a alvorada da Conquista Social... não profaneis essa Eucharistia de Luz!

ANGELINA VIDAL.

Dizem de Roma que o Vestuio está em erupção ha dias dias, a qual produz explosões na cratera e arremessa a grande altura grossas pedras e lava ardente. O roncar do vulcão é formidavel. Os abrigos dos guias e a estação superior do caminho de ferro fucicular teem soffrido estragos.

## A Cruz Vermelha

## A favor dos boers

Esteve em Aveiro, no domingo passado, uma commissão de estudantes do Porto, que veiu angariar donativos para a Cruz Vermelha Boer. Associaram-se-lhe alguns estudantes do nosso lyceu, que coadjuvaram os seus collegas portuenses no desempenho da missão de que vinham incumbidos. A **quête** de domingo produziu 44\$400 réis, — muito mais do que as quantias angariadas por qualquer das outras commissões, que, com o mesmo fim, foram para diversas localidades. A somma immediatamente inferior foi a da Regoa, que attingiu 39\$070 réis. Caminha foi a localidade que contribuiu com menos, produzindo a subscrição sómente 5\$860 réis.

Os estudantes do nosso lyceu, entusiasmados por esta sympathica e generosa ideia, reuniram-se na segunda-feira ultima, em assembleia geral, sob a presidencia do sr. Antonio da Silva Tavares, deliberando continuar aqui, em Estarreja e Agueda a **quête** iniciada pelos seus collegas portuenses, fazer-se representar no bando precatorio que a academia do Porto hoje realisarã, e bem assim n'um comicio que, a este respeito, se projecta para breve na capital do norte.

Para melhor informarmos os nossos leitores da parte activa que os nossos estudantes tomam n'este louvavel empreendimento, publicamos em seguida a resenha da reunião academica a que nos referimos, e que nos foi facultada por um dos membros da commissão aveirense:

Reuniram-se em Assembleia Geral, no dia 7, no Theatro Aveirense, os estudantes do lyceu d'esta cidade, bem como os alumnos da Escola Districtal. A' reunião presidiu o academico Silva Tavares, tendo por secretarios João Marcellino e Adelino Costa.

Abriendo a sessão, começou o presidente por lêr um patriótico discurso em que narrou a dura e iniqua guerra feita ao nobre e heroico povo boer pela Inglaterra, e poz em relêvo a sympathia votada a esse povo por todas as nações civilizadas. Mostrou, por palavras bem frisantes, qual era a força moral das duas republicas unidas; referiu-se á sua origem; comparou o seu povo, em valor, aos Saguntinos, aos companheiros de Viriato e á Vella Guarda de Napoleão; fez um rapido quadro do seu desenvolvimento; e demonstrou que era justo o motivo, que os levou a pugnar a favor do seu terrão patrio. Teve palavras de indignação a proposito da passagem das tropas inglezas para a Rhodesia, appellando ao mesmo tempo para o sentimento patriótico dos seus companheiros de estudo.

Em seguida expoz o fim da reunião, pedindo a todos os academicos que cooperassem unidos na obra humanitaria e caritativa empreendida pelos seus collegas do Porto; e propoz que se continuasse aqui com a subscrição aberta pela commissão portuense e que se promovessem subscrições em algumas terras do districto, como: Estarreja, Agueda, Oliveira d'Azeite, Ilhavo, Anadia, etc, etc, apresentando para esse fim uma numerosa commissão.

Seguidamente falaram sobre o mesmo assumpto, com grandes rasgos de entusiasmo, os academicos Izaias Vide e Cezar Sá, fazendo a apologia dos boers como povo civilizado, e enaltecendo as suas qualidades heroicas de guerreiros.

Entre outras, tomaram-se as seguintes resoluções:

Lançar na acta um voto de louvor á nobre e sympathica Academia do Porto pela iniciativa da subscrição nacional a favor das victimas boers;—levantar um alto e energico protesto contra a passagem de tropas inglezas em som de guerra por territorio portuguez;—e pedir ao patriótico povo da patria de José Estevam a sua coadjuvação para o mesmo fim.

Terminou a reunião por uma prolongada salva de palmas no meio do mais febril entusiasmo de vivas e de ovações.

A subscrição tem rendido até hoje, approximadamente, 65\$000 rs., continuando aberta em diversos estabelecimentos e em todos os jornaes da terra, sendo tambem continuada pela commissão academica aveirense para esse fim eleita.

Como se vê, a academia aveirense recebeu com entusiasmo febril a ideia dos seus collegas portuenses, e vae auxilia-os de nodadamente no seu sympathico empreendimento.

Temos na nossa redacção uma lista que a commissão aqui deixou para receber a assignatura dos que quizerem cooperar n'esta generosa manifestação de sympathia.

\*

— Da tribu de Benjamin! disse Fitzurse. Não te comprehendo.

— Não estavas presentes hontem á noite, disse De Bracy, quando o prior Aymer nos contou um conto a proposito do romance que tinha cantado o menestrel? Contou elle como em tempos antigos se levantou na Palestina uma questão mortal entre a tribu de Benjamin e as restantes da nação israelita; e como estas fizeram em postas quasi todos os cavalleiros d'aquella tribu e como juraram pela Santa Virgem não consentirem que nenhum dos que escaparam casasse com mulher da sua linhagem; e como, tendo-se arrependido do juramento, mandaram consultar sua santidade o Papa sobre a maneira de serem relevados d'elle; e como, por conselho do Santo Padre, os mancebos da tribu de Benjamin deram um soberbo

Já este artigo estava composto, quando recebemos communicação de que já se não realisa no Porto a **quête** a que acima nos referimos, por a isso obstar a auctoridade superior do districto.

## Uma creança estrangulada

Na povoação hespanhola de Rocaudio, acaba de ser descoberto um crime de infanticidio. Esse crime é um dos tantos provocados pelo celibato dos padres catholicos, que ora leva a attentados contra a natureza ou contra o pudor de innocentes creanças, ora fornece á chronica casos horribes e sangrentos.

O presbytero Silverio Covas requestara sob a capa da mais profunda hypocrisia, uma formosa rapariga de nome Benita Saiz. Pertencendo a uma familia religiosa, mas pobrissima, a rapariguinha não pode esquivar-se a entrar ao serviço do padre, que, prestando favores a sua familia, acabou por a sollicitar para sua casa na qualidade de servical, o que lhe foi concedido.

Religiosa tambem, Benita não denunciara as propostas que o padre lhe havia dirigido e o profundo respeito que por elle tinha sua familia e talvez uma secreta sympathia inspirada, fizeram que ella accedesse aos desejos de Silverio; depois Benita não apparecia aos seus, prestando afazeres inadiaveis e escondendo-se da propria visinhança, até que deu á luz uma creancinha.

Silverio considerou a recém-nascida como um estorvo e estrangulou-a, contando com a impunidade e com o mysterio em que o crime fóra envolto.

Uma denuncia transtornou-lhe, porém, o seu plano. Preso, confessou as suas relações com Benita; mas para salvar a honra da clerezia negou que estrangulasse a innocente attribuindo o acto á desgraçada rapariga.

Esta, n'um desespero facil de comprehender, contou a verdade, e na accusação ao criminoso, poz notas de um pavoroso realismo.

O padre nega ainda, e os reaccionarios protegem-o, procurando levar ao garróte a infeliz Benita.

Que malandros!

Não é isto um facto digno das sociedades educadas no **Santo temor de Deus?**

## ANNUNCIOS

## NOVA ALQUILARIA

DE

MANUEL PICADO & PEREIRA

(Antiga casa de Fernando Christo)

N'esta casa continúa a haver carros de aluguer, servindo-se os freguezes com a maior regularidade e economia de preços.

Rua da Alfandega

AVEIRO

## OFFICIAES DE SAPATEIRO

PRECISAM-SE na Sapataria Aveirense de Marques de Almeida & Irmão.

torneio, no qual roubaram todas as damas que estavam presentes e assim obtiveram esposas sem o consentimento d'ellas nem de suas familias.

— Eu ja ouvi a historia, disse Fitzurse, comquanto ella tenha soffrido, da parte do prior ou da tua, singulares alterações na epoca e nas circunstancias.

— Eu quero, pois, disse De Bracy, arranjar uma esposa á moda da tribu de Benjamin; quer dizer, disfarçado d'esta maneira, vou assaltar esse rebanho de novillos saxões que esta noite deixou o castello, e roubar-lhes a bella Rowena.

(Continua.)

castello d'Ashby, encontrou De Bracy, que mudara o vestuario do banquete por uma tunica curta de panno verde e umas bragas da mesma qualidade, um barrete de coiro, uma buzia suspensa do hombro, um grande arco na mão, uma espada curta e um molho de frechas pendentes do cinturão. Se Waldemar tivesse encontrado essa figura n'algum aposento exterior dos castello, teria passado por ella sem lhe dar attenção, tomando-a por um dos archeiros da guarda; mas, encontrando-a n'uma sala interior, reparou n'ella com mais attenção e reconheceu o cavalleiro normando disfarçado em **yeoman** inglez.

— Que significa esse disfarce, De Bracy? perguntou Fitzurse um tanto zangado. E' agora occasião para as fargas do Natal e para mascaradas loucas, quando a sorte do

principe João, nosso amo, está em vespas de se decidir? Porque não trataste tu, como eu, de reanimar a coragem d'esses poltrões que tremem de medo só de ouvirem o nome do rei Ricardo, como fazem, segundo se diz, as creanças dos sarracenos?

— Eu tratei dos meus proprios negocios, como vós tratastes dos vossos, respondeu tranquillamente De Bracy.

— Eu tratei dos meus negocios! repetiu Waldemar; eu tenho andado a tratar dos do principe João, nosso amo commum.

— E tens outra razão para isso, Waldemar, disse De Bracy, a não ser o seu interesse individual? Nós conhecemos-nos um ao outro, Fitzurse; a ambição é que te impelle a ti, a mim é o prazer; isso está de accordo com as nossas idades. Quan-

to ao principe tu pensas como eu: muito fraco para ser um monarcha decidido, muito despota para ser um monarcha condescendente, muito insolente e presumposso para ser um monarcha popular, emfim muito voluvel e medroso para ser um monarcha de qualquer especie. Mas é um monarcha por quem Fitzurse e De Bracy esperam elevar-se e prosperar; e por isso vós o ajudades com a vossa politica e eu com as lanças da minha companhia franca.

— Um bello alliado, sim senhores, disse Fitzurse com impaciencia, que pensa em loucuras no momento mais grave. E qual é o teu intento disfarçando-te d'esse modo absurdo n'uma occasião d'estas?

— Arranjar mulher á maneira da tribu de Benjamin, respondeu De Bracy friamente.

# AO COMMERCIO E AO PUBLICO

**ALBINO PINTO DE MIRANDA**, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o **MANUEL MARIA**—d'esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio **café crú de diversas marcas, café torrado em grão e moído, avulso e empacotado**, por preços muito baixos, rivalizando com vantagem com as casas congêneres do Porto. As vendas são a praso, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de louça de Sacavem que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. de deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello *Champagne*.

Ha tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços razoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de adubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

**Armazem de vinhos da Bairrada, que vende a 70 réis o litro, tinto; branco a 120 e 200 réis, sendo para consumir em casa do freguez.**

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cereaes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante commissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

## AVEIRO

**FERRAGENS**, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, parafusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES

AVEIRO

## Azeite do Douro BARRA - PHAROL

**NINGUEM** compre sem visitar o Armazem da Bandeirinha, á rua das Barcas; pois é alli onde se vende o puro azeite, por junto e a retalho.

Preços convidativos.  
Desconto aos revendedores.

## ROLÃO PALMA

**ESTA** farinha muito mais barata e superior do que qualquer outra para a engorda de porcos, gado vaccum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peixe—AVEIRO

**OS** srs. banhistas d'estas praias encontram na loja da Cambeia, do Arthur Paes, os mais necessarios generos comestiveis, taes como feijão, massa, batata, toucinho, manteiga de porco, queijo da serra, etc. E ainda o tal *biscoito d'Aveiro*,—e o biscoito de leite, que só se vende e faz n'esta casa.

**VINHO DE MEZA**:—o genuino vinho de meza, limpido, dromatico, levemente taninoso, o que constitue o verdadeiro tipo de vinho para meza, tambem se vende no mesmo estabelecimento, com as vantagens manifestas dos srs. banhistas terem ao pé da porta vinho bom e a preço modico.

Levam-se amostras a quem as pedir.

## TYPOGRAPHIA

DO

## POVO DE AVEIRO

Encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e economia todos os trabalhos de impressão, taes como: cartões de visita, participações de casamento, mappas, facturas, livros, jornaes, etc, etc.

RUA DE S. MARTINHO  
AVEIRO

## POVO DE AVEIRO

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

## Os Mysterios da Inquisição

POR

F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a côres por Manuel de Macedo e Roque Gameiro. Cada fasc. de 48 pag., papel de luxo, magnificamente impresso em typo elzevir e com uma formosissima estampa a 12 côres—120 réis.

Nos *Mysterios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam afflictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escarpellam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

*Precioso brinde a todos os senhores assignantes*: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55x0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á *Companhia Nacional Editora*—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

DE

Manuel Rodrigues da Graça

R. DA ALFANDEGA

NESTE estabelecimento encontra-se vinhos finos desde 240 réis para cima; arroz da terra e estrangeiro. Tem tambem um variado sortido de bolacha das principaes fabricas de Lisboa e Porto, que vende por preços excessivamente baratos.

## ATELIER DE ALFAETERIA

DE

Joaquim Ferreira Martins  
(O GAFANHÃO)

R. da Costeira—AVEIRO

**ESTE** antigo e acreditado estabelecimento de alfaeteria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fatos para homem e creança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para vender.

Espera tambem por estes dias um grande sortimento de fazendas, o que ha de mais moderno, para a estação do inverno.

Como está tambem para chegar a epoca dos varinos já tem para isso as fazendas encomendadas.

Ficam d'isto prevenidos os nossos freguezes e amigos.

## Vinho de Bucellas

**VENDE-SE** a 160 réis a garrafa no estabelecimento de

**José Gonçalves Gamellas'**

Praça do Peixe—AVEIRO

Previne o publico que só affiança a qualidade do vinho vendido no proprio estabelecimento, para evitar que vendam com a mesma marca outra qualidade de vinho

## ARMAZENS

DA

# BEIRA-MAR

DE

**MANUEL GONÇALVES MOREIRA**

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

## AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo  
(Luz. Gam.)

Preços fixos

VENDAS SO A DINHEIRO

## CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio.

Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

**N. B.**—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

## FABRICA A VAPOR

DE

MOAGEM DE TRIGO E MILHO

DE

Manuel Homem de C. Christo

Vendas de farinhas, e sêmeas

Compras de milho, e trigo, tanto por junto como a retalho

RUA DA ALFANDEGA

AVEIRO

## OFFICINA DE CALÇADO

DE

José Pedro Ferreira

AOS BALCOES—AVEIRO

NESTA antiga e acreditada

officina de calçado executa-se com toda a perfeição tanto para homem como para senhora e creanças toda a qualidade de calçado o que ha de mais chic.

Garante-se a solidez e economia de preço.

**José Gonçalves Gamellas**

A' PRAÇA DO PEIXE

N'este estabelecimento encontra-se á venda o apreciado **Vinho de Bucellas** importado directamente de casa do lavrador.

A 160 RÉIS A GARRAFA

SAPATARIA AVEIRENSE

DE

**Marques d'Almeida & Irmão**

AOS BALCOES

Garante-se a perfeição e solidez. Preços modicos